



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**O ACERVO ALOIS FEICHTENBERGER: ESTUDO DE CASO SOBRE  
A PRESERVAÇÃO, INVENTÁRIO E DIFUSÃO DE ACERVOS  
FOTOGRAFICOS E DOCUMENTAIS\***

Guilherme Talarico\*\*

A produção historiográfica no Brasil vem se beneficiando do processo, relativamente recente, da ampliação, abertura e disponibilização de acervos pessoais e institucionais que Marlon Salomon identifica pela “vontade de saber dos arquivos” (2011, p. 7). Este processo está relacionado ao momento político e social em que a cultura, e, conseqüentemente, a formação de museus e o gerenciamento de arquivos, exerce um papel determinante na afirmação de identidades, no empoderamento de comunidades tradicionais e, sobretudo, na busca pela ‘verdade histórica’. A abertura de novos arquivos é sim fundamental e uma condição necessária. Porém, “a verdade não é uma consequência automática e imediata dessa abertura” (SALOMON, p. 14). A análise crítica e questionadora que o historiador empenha sobre os documentos é que possibilita a obtenção das respostas demandadas a ele, historiador, pela sociedade.

Nesse sentido buscamos evidenciar a experiência de criação do Acervo Alois Feichtenberger (AAF), no Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO), não apenas pela sua relevância imagética e documental para a história de Goiás e do Brasil, mas

\* Este texto é parte dos estudos que comporão a tese de doutorado em História, pela UFG, com título provisório de “Alois Feichtenberger – fotógrafo: diferentes olhares e temporalidades sobre Goiás e o interior do Brasil (1928-1986)”, sob a orientação da Profª Drª Fabiana de Souza Fredrigo.

\*\* UFG

também pelo estudo de caso da parceria entre a pesquisa histórica e a prática museal e arquivística. Se “o historiador é considerado pelos arquivos seu principal usuário” (COSTA, 2012, p. 174), uma vez que o documento é a principal fonte para as construções historiográficas, tornar essa relação mais proveitosa e enriquecedora também deve ser um dos objetivos da abertura e disponibilização de novos arquivos.

O AAF é um conjunto documental que reflete toda a trajetória pessoal e profissional do fotógrafo, bem como de toda a rede de relacionamentos pessoais e profissionais que estabeleceu no Brasil e na Europa. Do estado inicial de arquivo privado, construído para servir como banco de imagens para o trabalho do fotógrafo, portanto, com uma “relação orgânica perceptível através de processo de acumulação” (Heloísa Bellotto, 1991 cit. in HEYMANN, 1997), o Acervo passa a ser público ao ser institucionalizado.

Alois nasceu em 1908, na cidade de Styer, nos Alpes Austríacos. Em 1925 imigrou com os pais para o Brasil, estabelecendo-se na capital paulista. Em 1929 partiu numa expedição para o Pantanal Matogrossense, a convite de um ornitólogo e viajante alemão. Foi uma viagem marcante para a vida do jovem estrangeiro, pois foi quando aprendeu o seu ofício de fotógrafo. “Pude realizar as coisas que mais gosto: viajar, cavalgar e fotografar”, escreveu em suas memórias, já na década de 1980, saudoso do seu espírito aventureiro da juventude. Este período de aprendizado moldou seu olhar e seu especial interesse por temas como a exuberância da natureza e os contrastes sociais.

O Acervo do fotógrafo Alois Feichtenberger foi tratado e disponibilizado pelo Museu da Imagem e do Som de Goiás, em projeto financiado pelo BNDES (2007-2010). De modo geral, o MIS-GO é acessado por pesquisadores de diferentes áreas, mas ainda com preponderância por historiadores. A instituição atende ao *status* de “repositório de informações”, no sentido atribuído pela arquivista e historiadora do Arquivo Nacional (Coordenação do Distrito Federal), Marli Guedes da Costa, de uma “organização legitimamente instituída com a dupla missão de armazenar informações registradas e garantir o acesso a elas” (2012, p. 180). Mesmo sendo referência no tratamento, restauro e acondicionamento de acervos audiovisuais<sup>1</sup> para toda região Centro-Oeste, a garantia

<sup>1</sup> Além de maior acervo fotográfico da região central do país, o MIS-GO possui um grande acervo fonográfico e é depositário do acervo da televisão estatal das décadas de 1960 a 1980 e de todos os filmes inscritos no FICA – Festival Internacional de Cinema Ambiental, da cidade de Goiás, em suas quinze edições.

ao acesso ainda é um ponto a ser trabalhado no MIS-GO, e isto está relacionado a algumas condicionantes que tratarei mais à frente.

Seguindo a trajetória de Alois, o imigrante austríaco foi um dos pioneiros do registro fotográfico em Goiânia, registrando a construção da cidade entre 1936 e 1939. Suas imagens serviram de contraponto entre o ‘passado atrasado e arcaico’ relacionado com a antiga oligarquia que controlava a política no Estado de Goiás e a ‘chegada da modernidade e do progresso’ com o novo momento político pós 1930. Esta construção histórica fica evidenciada nos trabalhos que realizou para o Departamento de Propaganda e Expansão, órgão recém criado pelo Interventor Pedro Ludovico Teixeira, entregue aos cuidados do jornalista Joaquim Câmara, proprietário do jornal de maior circulação ainda hoje no Estado de Goiás (*O Popular*).



FIGURA 1: Imagem emblemática dos carros de bois à frente do Palácio das Esmeraldas, símbolo da modernização do Estado de Goiás com a construção de Goiânia. Foto Alois Feichtenberger, 1937. Acervo AF, MIS-GO.

Durante esta primeira fase de sua carreira, AF registrou as frentes de expansão no oeste do país, de São Paulo passando pelo norte e litoral paranaense até o pantanal mato-grossense, registrou minas de ouro e diamante no Triângulo Mineiro e a epopeia da construção de Goiânia. Produziu farto material iconográfico, que foram publicadas no Brasil e na Europa. Escreveu artigos e ilustrou matérias jornalísticas. Alois esteve fora do país de 1939 a 1952. Durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou como correspondente na Áustria, nos Balcãs e na ilha de Creta. Voltou para o Brasil, passando a trabalhar na cidade de São Paulo, onde prestou serviços para a Comissão do IV Centenário da cidade.

Atuou também como fotógrafo para as Indústrias Reunidas Matarazzo S/A e o Departamento de Agricultura e Produção Animal, no Parque da Água Branca.

Alois estabeleceu-se definitivamente na capital goiana em 1959, atraído, entre outras coisas, pelo surgimento de Brasília. Passou a fazer serviços para todas as estatais goianas, numa fase desenvolvimentista, de implantação de grandes projetos de infraestrutura e de 'progresso'. Em Goiânia fez parte de um grupo de intelectuais e artistas regionais preocupados com a afirmação da cultura e da identidade goiana, como Cora Coralina, Amália Hermano, Bernardo Elis, José Mendonça Teles, Siron Franco, entre outros. Fotografou até 1986, ano de seu falecimento.

Para o fotógrafo sua produção ao longo dos anos servia como um banco de imagens para publicações nacionais e internacionais, muitas vezes mais focadas no exotismo e no meio ambiente dos trópicos. Interessava-se em registrar a exploração dos recursos naturais, a questão indígena e o pioneirismo dos imigrantes. A quase metáfora de algumas cenas goianienses eternizadas por Alois – representações que podem ser descritas entre as heterotopias ao modo foucautiano e as fantasmagorias ao modo benjaminiano –, suas fotografias continuaram a alimentar o imaginário da chegada da modernidade no Planalto Central. Uma das vertentes de nossa pesquisa tenta analisar os usos de acervos fotográficos, nas suas mais variadas perspectivas, tendo como objeto de análise a experiência do processo de musealização do AAF e as propostas para sua difusão.

O projeto de *Preservação, inventário e difusão do Acervo Alois Feichtenberger*, além da óbvia ênfase dada à conservação do material fotográfico, composto de negativos de vidro, acetatos, diapositivos e reproduções em vários tamanhos, também atendeu ao tratamento, higienização e acondicionamento da documentação textual do fotógrafo, contendo artigos, diários, anotações de viagens, cartas, recibos de prestação de serviços, documentos pessoais, e outros, o que faz com que seu espólio se configure num acervo rico em todo tipo de informação e disponível ao pesquisador. Além disso, o projeto aprovado pelo BNDES proporcionou, como contrapartida, uma ampla reforma nas dependências do MIS-GO, o que trouxe benefícios para o tratamento e conservação de outros acervos sob a guarda do Museu.

O AAF ficou sob a guarda do seu filho Kurt Feichtenberger que procurou, mesmo sem condições financeiras e materiais, manter, em termos, a integridade física do material. O senhor Kurt tentou, algumas vezes, negociar a aquisição do acervo por

algumas instituições com melhores condições de guarda e manutenção, mesmo que o acervo não permanecesse em Goiânia, porém sem sucesso. Entre março de 2001 e setembro de 2003, com a ajuda da fotógrafa, especialista em conservação fotográfica e técnica do MIS-GO, Stella Horta Figueiredo, foi realizada uma intervenção emergencial em todo acervo. “O objetivo era remover os documentos daquela área de guarda tão poluída, providenciar melhores condições de acondicionamento, possibilitando a elaboração de um projeto de conservação” (MIS-GO, 2007). Os trabalhos foram interrompidos por diversas vezes, até que, em maio de 2003, passamos a colaborar com a organização do acervo, realizar o inventário detalhado da documentação textual e fotográfica, higienização básica dos invólucros e seu melhor acondicionamento, como troca de material deteriorado e uso de armários de aço, em substituição aos antigos armários de madeira.

Em meados de 2006 todo o legado de Alois Feichtenberger foi adquirido, por meio de edital público, pelo Instituto Centro Brasileiro de Cultura – ICBC, organização da sociedade civil de interesse público sem fins lucrativos, com sede em Goiânia. Em dezembro de 2007, foram firmados os Termos de Doação e de Entrega do, então instituído, Acervo Alois Feichtenberger ao MIS-GO. Compõe o AAF a documentação fotográfica (133 negativos de vidro, 40.950 negativos flexíveis, 7.571 ampliações em diversos tamanhos, 4.658 diapositivos e 3 álbuns), documentação textual (14 diários, 600 correspondências profissionais e pessoais, 502 documentos pessoais, 230 cartões de visita e 8 agendas de endereços), biblioteca e hemeroteca (58 livros, 33 revistas especializadas, 350 recortes de periódicos, 43 artigos autorais, 387 exemplares de jornais, revistas e almanaques nacionais e estrangeiros, 37 prospectos, releases e convites, 48 catálogos, relatórios e balanços institucionais, 15 cartazes, 10 calendários e 16 postais), além de objetos de trabalho (equipamento fotográfico e laboratorial) e objetos pessoais (relógios, canetas, óculos, máquina de escrever, condecorações, objetos decorativos, etc). O período coberto pela documentação textual e fotográfica data de 1908 a 1986.

A partir de 2008, o MIS-GO desenvolveu o projeto de *Preservação, inventário e difusão do acervo Alois Feichtenberger, com ênfase na obra fotográfica*, com financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES. As atividades foram voltadas para a higienização, acondicionamento e guarda adequada dos documentos fotográficos e textuais, disponibilização e confecção de instrumentos de pesquisa que garantissem “a integridade e a organicidade do acervo” (MIS, 2010).

Desde o momento de composição do AAF, o MIS-GO, por intermédio de sua direção e Associação de Amigos, manteve um profissional de História na equipe técnica do projeto. A atuação do historiador no projeto estava voltada para a avaliação, pesquisa e interpretação da documentação, seja ela imagética ou textual, para complementar as informações sobre a trajetória do fotógrafo. Como é de conhecimento geral, o trabalho de qualquer integrante de uma equipe museal, na prática, não se restringe apenas às suas atribuições profissionais. Além do que, como lembra Luciana Heymann, ainda tem-se que lidar com o irresistível “encantamento das fontes primárias”. O contato com a situação de se avaliar qual objeto tem valor privilegiado para a pesquisa histórica e qual tem um valor secundário é constante. Outro perigo está em considerar o conjunto arquivístico em sua unicidade, um conjunto fechado que comporta a memória do sujeito. No caso do AAF não está muito longe disto, mas não se pode perder de vista esta “ilusão” de que fala Pierre Bourdieu. Contudo, dentro do que foi programado para a execução do projeto Alois Feichtenberger, a experiência se manteve dentro da proposta inicial.

Foram realizados, além da organização preliminar da documentação textual e de seu arranjo arquivístico, o inventário e arrolamento de todo material em arquivos digitais de fácil acesso. Organização da correspondência por cronologia, destinatário e remetente. Do mesmo modo foi feita a organização das publicações, por título dos periódicos e datação. Separação e identificação dos documentos pessoais e de trabalho emitidos no Brasil e na Europa. Foi fundamental a elaboração de uma cronologia a partir das atividades profissionais e pessoais de Feichtenberger, que chamamos de sua ‘Cronografia’, uma vez que havia uma preocupação com a sistematização das principais funções presentes nos documentos do Acervo. Lembrando que a equipe contou com um tradutor para a compreensão do material em alemão, consultores de Arquivologia e de Tecnologia da Informação, e uma estagiária de biblioteconomia.

Todas as informações levantadas colaboraram para a confecção das várias *Tabelas* de arrolamentos do material fotográfico e, principalmente, da *Cronografia*. Este foi o “instrumento de recuperação” (COSTA, p. 192) dos dados, que norteou o entendimento da trajetória profissional e pessoal de Alois, inclusive para a identificação de boa parte do material imagético, permitindo o cruzamento e a complementação das informações sobre o fotógrafo. De forma que, “a sistematização das relações orgânicas do conjunto da documentação disposta no quadro de arranjo (Cronografia) subsidiou a elaboração do inventário e de outros instrumentos de pesquisa do projeto” (MIS, 2009).

Efetivamente, para a disponibilização das informações geradas pela pesquisa histórica, outros “instrumentos de recuperação” foram produzidos, como *Arrolamentos*, *Inventários* e alimentação das imagens do AAF no *Banco de Dados* do MIS-GO. Desde o *Projeto* inicial estava previsto a construção de uma ferramenta que viabilizasse o acesso do pesquisador às informações, com filtros de busca de diferentes temáticas possíveis. Este produto foi o *Guia da Obra Fotográfica* criado com a ajuda de consultores especializados em tecnologia da informação, arquivologia e descrição da documentação fotográfica. O *Guia* foi disponibilizado virtualmente, hospedado no sítio da Secretaria Estadual de Cultura (AGEPEL), porém, por mudanças de gerenciamento no órgão estatal, o *Guia* não ficou mais que seis meses na rede, no primeiro semestre de 2011. Esta situação pôs em cheque a disponibilização do AAF. Apenas um quinto das imagens disponíveis de AF estão reveladas, disponíveis para consulta no Banco de Dados, nas ampliações feitas ainda pelo fotógrafo. O restante do acervo fotográfico está em negativos, devidamente catalogados e acondicionados, mas que demandam uma pesquisa mais detalhada e, porque não dizer, mais evasiva. Apesar disso, o projeto e a disponibilização do AAF foi largamente vinculado pelas agências regionais de notícias.

Assim, essa experiência se encaixa nas preocupações em torno do “relacionamento entre o documento (fonte de pesquisa), o historiador (usuário) e o arquivo público (instituição que preserva a fonte de pesquisa e garante o acesso)”, conforme exposto por Marli Guedes da Costa (2012, p. 175). Mas, apesar da pesquisadora e arquivista focar o historiador como público alvo das instituições de guarda dos acervos, o MIS-GO sempre procurou ampliar seu público para todo tipo de interessados, até mesmo pela diversidade do seu acervo. Compete aos museus, que tem como um dos seus princípios norteadores a difusão do conhecimento, assegurar o acesso às fontes inéditas de pesquisa ao meio acadêmico. Cabe ao pesquisador historiador buscar os acervos para subsidiar suas abordagens e construções narrativas. Construções estas que, na atualidade, demandam-se maior diversificação das fontes. Tanto pela diversificação dos questionamentos, pelas afirmações das identidades ou pela busca pelas ‘verdades’.

Em suma, o que pretendemos avaliar da atuação do historiador em instituições de guarda e disponibilização de acervos, é a extrapolação da simples tarefa de “repositório de informação”. O papel do profissional da História, nesse sentido, não pode se restringir à inebriante sensação de privilégio frente à inusitada fonte primária. Sendo este acervo predominantemente imagético, este privilégio ganha ainda uma aura desafiadora: entre a

emoção da revelação, a responsabilidade pela sua repercussão e o apego pessoal com o objeto de trabalho/estudo. Jacques Derrida, no sua clássica palestra sobre o conceito, ou melhor, suas “impressões” (2001, p. 43) sobre o conceito de arquivo, enfatiza a importância do tratamento técnico-científico que tais repositórios demandam, “a representação das informações, os metadados”, explica Georgete Medleg Rodrigues (2012, p. 238).

Estas representações, em forma de guias, catálogos, inventários, o que seja, estão diretamente relacionadas à premissa da acessibilidade dos arquivos. Para o historiador, tanto como para qualquer outro profissional à frente de um acervo inédito, a disponibilização de imagens como elementos para a construção de narrativas históricas, atualmente, muito devido às novas tecnologias e a aquela busca por novas fontes a que nos referimos, compete preocupar-se com questões tais como: estabelecimento de novas relações entre os arquivos e seus usuários; uso de novas tecnologias de acessibilidade; e melhorar a eficiência dos instrumentos de pesquisa. Isso sem tocar na questão das redes sociais, maior ferramenta de divulgação de acervos imagéticos hoje em dia, o que nos remeteria a uma série de outras questões.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Coord.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. pp. 183 – 191.

COSTA, Marli Guedes da. *Interação entre documento, arquivo e historiador*. In: RODRIGUES, Georgete Medleg & COSTA, Marli G. (Orgs). *Arquivologia: Configurações da pesquisa no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 2012. pp. 173 – 202.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. (Conexões, 11).

HEYMANN, Luciana Q. *Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2041> acessado em abril de 2006.

MIS - MUSEU da IMAGEM e do SOM de GOIÁS. *Dossiê Acervo Alois Feichtenberger. Levantamento Preliminar*. Goiânia: 2007.

\_\_\_\_\_. *Relatório parcial do Projeto AF*. Goiânia: 2009.

\_\_\_\_\_. Relatório conclusivo do Projeto AF. Goiânia: 2010.

\_\_\_\_\_. Guia do Acervo Alois Feichtenberger. *Apresentação*. Goiânia: 2010.

RODRIGUES, Georgete Medleg. *O acesso aos arquivos: evolução de um conceito*. In: RODRIGUES, Georgete Medleg & COSTA, Marli G. (Orgs). *Arquivologia: Configurações da pesquisa no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 2012. pp. 237 – 263.

SALOMON, Marlon. *Saber dos arquivos*. In: SALOMON, Marlon (Org). *Saber dos Arquivos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2011. pp. 5 – 17.

